TL7113-2

FRENTE REVOLUCIONARIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE
(REVOLUTIONARY FRONT FOR AN INDEPENDENT EAST TIMOR)

FRETILIN

MENSAGEM

. A TODOS OS MEMBROS DO CCF NAS FRENTES DE LUTA ARMADA E CLANDESTINA

. A TODOS OS MEMBROS, MILITANTES E SIMPATIZANTES DA FRETILIN NAS FRENTES DE LUTA ARMADA E CLANDESTINA

. À JUVENTUDE MAUBERE E ESTUDANTIL DE TIMOR LESTE

DO

CAMARADA ABÍLIO ARAÚJO, PRESIDENTE DA FRETILIN

Lisboa, 15 de Agosto de 1989

- Camaradas membros do CCF nas Frentes de luta armada e clandestina
- Camaradas militantes da FRETILIN nas Frentes de luta armada e clandestina
- Estimada Juventude Maubere e Estudantil de Timor Leste
- Compatriotas e Nacionalistas

I- PREÂMBULO

Na minha qualidade de Presidente da FRETILIN para que fui eleito pela II Conferência Nacional de Fevereiro de 1984, saúdo-vos, calorosamente nas várias Frentes de luta em que estais postados.

Ainda consternado pelas mensagens recebidas do companheiro Comandante das FALINTIL, Kay Rala Xanana Gusmão, nomeadamente, a de 31 de Março do corrente ano, a mim dirigida em que se denota a enorme gravidade da situação em que se encontra a luta do nosso Povo heróico e sofredor,

> " ...querido irmão e fiel companheiro de luta, faço transbordar apenas expressões da angústia tanto mais sentida no meu íntimo quanto mais me ponho a olhar em meu redor, aqui nas matas de Timor Leste ...";

pois, como dizia, ainda consternado não posso deixar de vos transmitir a minha solidariedade para convosco, e através de vós, pedir para que façais eco deste mesmo sentimento para com todos os combatentes das FALINTIL, nosso Exército Nacional de Libertação, na pessoa do querido companheiro comandante Xanana Gusmão.

Nós temos um inimigo poderoso que tem aliados também fortes e recursos enormes p/fazer face à nossa Resistência, nos planos interno e externo.

A nossa força que não pode ser avaliada pelos mesmos critérios utilizados na medição da força do nosso inimigo, reside na convicção da justeza da nossa luta; na Fé da nossa Razão e do Direito que nos assiste; na Unidade de princípios e métodos que norteiam a nossa acção, em cada momento da luta; em resumo, na Firmeza Ideológica do nosso combate.

Nestes quinze anos de luta, meus queridos Camaradas; não fosse a nossa Firmeza Ideológica, firmeza na nossa Convicção, na nossa Fé, na nossa Unidade, nem vós, no interior da Pátria, nem nós, no exterior, teríamos podido manter esta luta; vós, um punhado de combatentes mal armados ou super-espiados, contra os poderosos batalhões indonésios ou a poderosa INTEL; nós, um punhado de activistas, humildes, fracos mas perseverantes, e cujo número era inferior aos nossos dedos, contra, no mínimo, centenas de diplomatas indonésios cuja tarefa principal era e continua a ser a de fazer desaparecer a "Questão de Timor Leste " da Agenda da ONU;

Não fosse esta Firmeza Ideológica, já o inimigo teria ganho a guerra militar e diplomática, sem contudo, significar que teria obtido aniquilar o ESPÍRITO da nossa Resistência nas duas Frentes.

É que a par da ofensiva inimiga nas duas Frentes, o inimigo buscou ao longo destes quinze anos, mormente no período em que já não se adivinhava a existência de focos guerrilheiros nas nossas matas e montanhas azuis, ou a existência de NUREPs e CERNACs, nos campos de concentração em que as populações viviam encurraladas; nesse período doloroso e difícil de 1979-81, mesmo antes como depois, o IN. prosseguiu incansàvelmente um outro objectivo estratégico: conseguir a ruptura entre o Comite Central, no interior da Pátria, órgão que sempre assumira o Comando da Luta, e a sua Delegação Externa.

Não fosse uma FRETILIN solidária e coesa nos princípios e métodos de organização e trabalho para assegurar a Firmeza Ideológica nas duas Frentes; não fosse uma Delegação Externa atenta ao princípio da submissão ao CCF, nos momentos mais difíceis da nossa luta em que o Movimento de Solidariedade Internacional se tinha afundado no desânimo, não teríamos podido organizar em Lisboa, em Junho de 1981, o Tribunal Permanente dos Povos. Este evento constituíu também o ponto de partida para a reorganização no Exterior: por um lado, a constituição da DFSE (membros do CCF - Reunião Plenária de Março de 1982), e, por outro lado, o ressurgimento do Movimento de Solidariedade p/ o que contribuíu enormemente a criação da CDPM que foi uma Comissão criada para apoiar a queixa da FRETILIN por mim apresentada e assinada ao TRIBUNAL, em Agosto de 1980, em Roma (ANEXO 1).

Não fosse um punhado de membros do CCF, no Exterior, cuja maioria deu o melhor de si mesmo ao longo de quinze anos, relegando para trás objectivos eminentemente pessoais como a busca de empregos estáveis e carreiras profissionais, a exemplo dos nossos heróis, já tombados Lear, Sahe, Hamis, e tantos outros!

Não fosse uma Delegação Externa cujos membros almejam como única recompensa ou sonho a possibilidade do regresso à Pátria, para plantar umas estacas de mandioca ou comer uns bagos de milho da nossa agricultura não putrificada pelas radiações químicas e outras formas de poluição!

OH SIM, se não alimentássemos esses sonhos tal como vós que só desejais que a Pátria se veja livre da ocupação estrangeira, não teríamos conscientemente assumido o dever de continuar a activar a luta no Exterior!

II - RETROSPECTIVA HISTÓRICA: O EXPANSIONISMO JAVANÊS E O IDEÁRIO POLÍTICO DA FRETILIN PROCLAMADO EM 1974

Camaradas

Vou, de seguida, abordar uma série de questões relacionadas com o REAJUSTAMENTO ESTRUTURAL DA RESISTÊNCIA e que foram analisadas pela Reunião Extraordinária dos membros do CCF, no Exterior, em Julho do corrente ano. Em particular, vou desenvolver a minha reflexão que foi sintetizada na minha Declaração de Voto aquando da aprovação da Declaração subscrita pela referida Reunião Extraordinária, em 9 de Julho de 1989.

O nosso inimigo indonésio e os seus agentes espalhados no nosso seio, em particular, aqui no Exterior, estão a procurar lançar a confusão e o desânimo fazendo leituras apressadas dos Documentos da autoria do companheiro Xanana Gusmão para nos destruirem! Assim, querem levar-nos a acreditar que, afinal, a História de Resistência do nosso Povo e que se confunde com a Frente de Libertação- FRETILIN, ao longo destes quinze anos, não passou de uma vergonhosa fraude que os nossos vindouros jamais perdoarão, já que os nossos heróis e mártires deixaram de o ser para se transformarem em burlões, paranóicos revolucionários, irresponsáveis, suicidas !

Como membro do CCF e mais tarde Responsável Máximo da FRETILIN, tenho tido coragem e lucidez necessárias para, no passado recente, afirmar e apontar erros e/ou desvios cometidos em épocas históricas próprias, tanto na Frente Interna como na Frente Externa. Por isso, assistem-me também o direito e o sagrado dever de defender a História da nossa querida FRETILIN cujos ensinamentos galvanizaram o patriotismo do nosso Povo, patriotismo esse que hibernava no subconsciente colectivo da maioria do nosso Povo e irrompeu em catadupa e de uma forma vibrante, no incomparável Hino FOHO RAMELAU, Hino à Independência, poema do nosso malogrado poeta Borja da Costa e musicado por mim em 1974.

Não podemos falsear ou falsificar nem a História nem os factos históricos sob pena de sermos tidos de desonestidade intelectual e moral.

Não podemos admitir que se ecoe impunemente que a invasão de Timor Leste se deveu à existência de uma FRETILIN ou à ameaça de instauração de um regime de esquerda que a FRETILIN preconizara! Muito menos dar a entender que se não tivéssemos reagido ao Golpe da UDT, a Indonésia não teria invadido Timor Leste em 7 de Dezembro de 1975.

Não podemos admitir que nos venham dizer que tudo o que temos vindo a realizar tenha sido errado e, muito menos, que atiremos culpas sobre os nossos mortos e os nossos heróis, sob pena de trairmos a sua memória, e, assim abrirmos espaço para que, no futuro próximo, os nossos vindouros venham pôr também em causa as nossas acções do presente.

Não, Camaradas!

A invasão de Timor Leste pela Indonésia e a anexação são hoje entendidas universalmente como o resultado da tentativa falhada da integração de Timor Leste pela via pacífica, com a utilização da APODETI, e que fazia parte da OPERASI KOMODO concebida logo após o 25 de Abril pelo expansionismo javanês na pessoa do famigerado e bem enterrado General Ali Murtopo!

Só os analfabetos e anões políticos e os "hansips" e "sakas" recentemente chegados a Lisboa e que pululam no nosso seio, graças ùnicamente ao nosso espírito democrático e tolerante, podem dizer o contrário.

As gerações presentes a quem compete e competirá conduzir a luta do nosso Povo têm o direito de serem correctamente informadas. Pessoalmente, não posso aceitar que se culpabilize a vítima e se desculpabilize o agressor e os seus cúmplices históricos (a ala integracionista da UDT), comportamento geralmente adoptado em casos de impotência pelos fracos e vítimas.

Mesmo o próprio saudoso Dr. Moisés do Amaral, em 22 de Maio de 1988, teve a coragem e firmeza de reconhecer pùblicamente, perante os timo-

AB

renses e inúmeras personalidades de todos os quadrantes da vida pública portuguesa (Parlamentares e líderes políticos) as responsabilidades da UDT nos acontecimentos de 11 de Agosto de 1975 "causa da guerra civil que eclodiu em Timor".

O Sr. Dr. Moisés do Amaral, nesse mesmo dia, festa do II Aniversário da Convergência Nacionalista teve a ombridade intelectual largamente reconhecida em Portugal e no estrangeiro de saudar

> "todos os dirigentes e militantes da FRETILIN, na pessoa do Sr. Presidente da DFSE, Dr. Abílio Araújo, em quem a UDT reconhece um lutador incansável pela defesa das liberdades e direitos do nosso Povo" .

A invasão de Timor Leste faz parte do pensamento político das elites javanesas a quem as épocas de Srivijaia e Mejopahit são tidas como épocas de resplendor a serem restauradas e que cobriam as extensas áreas do Pacífico até Madagáscar, no Índico.

A História dos Povos da Costa Oriental da África chega mesmo a registar que, as caravelas e naus portuguesas quando aportaram às suas costas,no Séc. XV, não tinham constituído novidade porquanto as suas populações já tinham visto barcos javaneses muito bem maiores!

Nos anos 40, os nacionalistas indonésios (javaneses) falavam da MAFILINDO como a nova Nação a emergir da ruptura do sistema colonial europeu, durante e pós-II guerra mundial. MAFILINDO não era senão a unificação da Malásia, Filipinas e Indonésia! Se as pretensões dessa elite não foram concretizadas nada garante que essas ambições já tenham deixado de existir. Aliás, na própria ASEAN quem dirige a orquestra é a Indonésia dos Javaneses.

É uma tremenda responsabilidade fazer a leitura dos factos históricos do passado sem o seu correcto enquadramento circunstancial e temporal bem como político e social.

Hoje, camaradas, toda a nossa gente aceita como indiscutível o direito do nosso Povo à Independência! Há, no exterior, compatriotas nossos que já chamam nomes a todos quantos, em 1974/75 diziam que esse direito que a ASDT/FRETILIN preconizava como "independência de jure" não fazia sentido,e, que hoje já o advogam, como uns troca-tintas!

O nosso comportamento deve ser diferente, deve ser de júbilo porque se amplia e ampliou a grande corrente nacionalista maubere em prol da Independência, e também porque só significa que estivemos no caminho certo! Não fosse a nossa tenacidade desde 1974/75 hoje seríamos indonésios para gáudio de Portugal!!!

Eu, pessoalmente, tive de deixar a nossa Pátria em 7 de Janeiro de 1975 para vir concluir os meus estudos. Mas sempre considerei que a Política de Unidade Nacional bem como o Sistema Democrático e Multi-partidário deveriam ser dois dos nossos grandes objectivos estratégicos para a Reconstrução Nacional.

Não posso admitir que se passe com uma esponja sobre toda esta Luta, empolando erros que os houve, mas também não posso admitir que se ignorem as conquistas históricas do nosso Povo!

Vou citar algumas passagens do Manual Político da FRETILIN e Programa Político da FRETILIN que eu e a camarada Guilhermina redigimos, em Aileu, em Setembro de 1974, e que foram globalmente aprovados pelo CC da FRETILIN. Os camaradas fundadores da ASDT/FRETILIN sobreviventes são testemunhas e, o camarada António Maria Araújo que agora chegou a Lisboa não se esquece daquelas sessões de trabalho contínuo juntamente com o saudoso camarada Justino Mota, em Taibesse, Kareta At, na palapa do meu saudoso irmão Afonso Araújo, donde saíu a versão oficial para o Tétum!

Recordo com profunda saudade os meus primos Fernando Carmo e Gaspar Aleixo Corte-Real que, incansàvelmente, se lançaram na azáfama de imprimir, na Imprensa Nacional, o nosso primeiro livro de Educação Política que eu ditava do meu manuscrito!

> " O que é a FRETILIN?
>
> FRETILIN é a Frente Revolucionária de Timor Leste Independente que reúne todas as forças nacionalistas e anti-colonialistas num objectivo comum: a libertaçao do Povo de Timor do jugo colonialista. A FRETILIN propõe-se levar o Povo de Timor a enveredar pelo caminho do Progresso, de Paz e de Liberdade. Repudia qualquer forma de colonialismo e neo-colonialismo a fim de que o Povo de Timor possa vir a ser verdadeiramente independente, livre e próspero."
>
> " Porque se diz uma Frente?
>
> É uma Frente porque ela é contra o divisionismo. A experiência dos fracassos dos nossos antepassados na sua luta de libertação(Camenasse Cová, Cotubaba, Lacló, Ulmera, Manufahi e Viqueque) ensinam-nos

que, neste momento, é necessária UNIDADE de todos os anticolonialistas e nacionalistas sem qualquer distinção étnica, de credo religioso, de tendência política, de sexo e de categoria social. É necessário desarmar todos aqueles que mais uma vez se servem do lema " dividir para reinar". Qualquer ruptura e divisão no seio dos anti-colonialistas e nacionalistas só irá reforçar aqueles que querem continuar a explorar o Povo.
Neste momento, Timor ainda é uma colónia. E como colónia, o primeiro e único objectivo é a Independência Nacional e Libertação do Povo. A existência de Partidos com diversas tendências só se justifica num País Independente. Mas numa colonia a existência de Partidos so favorece o divisionismo que enfraquece o Povo, permitindo assim a sua dominação. Nesta hora, é necessária a UNIDADE de todo o Povo. Unidos encontraremos a força necessária para alcançarmos a nossa Independência Nacional."

" Porque é que a FRETILIN defende a Independência de Timor Leste?

Porque a Independência é o único caminho para o progresso real e desenvolvimento do Povo de Timor Leste. Nenhum Povo poderá realizar as suas aspirações e defender os seus direitos e interesses se não fôr ele próprio o senhor do seu destino.
Defendendo a Independência de Timor Leste, a FRETILIN defende um direito universalmente reconhecido e inalienável que não pode ser recusado ao Povo de Timor Leste."

Vou de seguida transcrever extractos do Programa Político:

" Há mais de quatro séculos que a nossa terra Timor Leste vem vivendo sob o colonialismo Português. Cinco séculos na marcha da humanidade não têm qualquer significado, pois no processo histórico, as transformações de envergadura muitas vezes não têm lugar. Mas quando se trata da introdução forçada de um sistema como é, no caso, a introdução do sistema colonial, os cinco séculos da nossa história representam o tempo do desenrolar de um drama cheio de guerras de opressão e subjugação, acompanhadas de exploração e rapina das riquezas de todo um Povo. A nossa Terra viveu, durante séculos, momentos de angústia quando os nossos antepassados numa guerra justa de defesa dos seus legítimos direitos, ergueram as suas vozes contra o poder colonial português, recorrendo muitas vezes à luta armada. Os vários levantamentos e sublevações registadas ao longo de cinco séculos de dominação colonial são provas irrefutáveis de como o desejo de independência estava sempre ligado e bem patente no espírito dos nossos antepassados. O nosso Povo caiu sob a dominação estrangeira em virtude da superioridade bélica do inimigo colonialista. Mas não foi só esta a razão da perda da nossa Independência. O sentido de Independência dos nossos antepassados era restrito aos seus Reinos e às suas terras. Este facto foi muito bem explorado pelo colonialismo português. Através de promessas e intrigas o inimigo soube muito bem dividir-nos para mais facilmente nos dominar.

O exercício do poder colonial na nossa terra trouxe como consequência a perda gradual das nossas terras, a violação das nossas mulheres, a escravidão a que fomos reduzidos, o obscurantismo em que vivemos, a asfixia da nossa cultura, a miséria e a fome da nossa vida diária e a morte prematura. Estes males nunca poderão ser combatidos se a sua raíz não fôr cortada de uma vez para sempre - o colonialismo. Nenhuma forma de colonialismo poderá garantir ao nosso Povo uma existência condigna no sentido da sua libertação e progresso. Lutar contra o colonialismo e qualquer forma de dominação do nosso Povo, é lutar pela nossa existência como seres humanos, pelo nosso desenvolvimento e pela nossa vida. Mas esta luta não pode ser de modo algum fraccionada. Ainda temos bem vivas as recordações da DESUNIÃO dos nossos antepassados, causa da derrota. Não vamos repetir o mesmo erro. Vamos unir-nos.' (Pág. 21 e 22)

" A FRETILIN entende por Independência DE JURE o reconhecimento formal de que o único caminho para o futuro de Timor Leste é a Independência Total. Até à Independência Total, a FRETILIN terá a cooperação do Governo Português para a execução do programa de Reconstrução e Desenvolvimento do País. A FRETILIN discutirá com o Governo Português a melhor forma de cooperação. " (pág. 27)

"RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1. Não alinhamento.
2. A FRETILIN desenvolverá imediatamente uma ampla actividade diplomática com todos os países do mundo e com organizações internacionais a fim de obter apoio moral, diplomático, político, técnico, económico, financeiro e militar com vista à grande tarefa de Reconstrução e Desenvolvimento do País, salvaguardando-se sempre a política do não-alinhamento.
3. A FRETILIN defende a política de boa-vizinhança, não-ingerência e cooperação com todos os países do mundo.
4. A FRETILIN apoia e solidariza-se com todos os Povos que lutam pelo seu progresso". (Pag. 24 e 25)

" SOBRE A NATUREZA DO ESTADO

Realização de eleições gerais para a Assembleia Constituinte através do sufrágio universal,directo e secreto que elaborará a Constituição da República onde serão definidas a organização do Estado e as linhas mestras de orientação do País" .

III - A FRETILIN E A SUA PRÁXIS POLÍTICO-DIPLOMÁTICA VERSUS OPERASI KOMODO

Camaradas

Retenhamos a nossa atenção em 3 (três) factos extremamente importantes do período anterior à ruptura unilateral da Coligação, em Maio de 1975, pela UDT:

1. A mobilização do nosso Povo no sentido da Independência
2. A nossa acção diplomática e internacional
3. As acções de desestabilização da Indonésia, em Timor Leste (Operasi Komodo)

1. É do conhecimento geral que Portugal pugnava pelas eleições gerais por sufrágio directo e universal para determinar o futuro de Timor Leste.

Todos, sem excepção, de entre os camaradas do CCF, no Exterior, reconhecem o contributo inestimável dos jovens universitários e não só, no lançamento das campanhas de sensibilização junto das populações com vista à divulgação do nosso Ideário de Independência. As brigadas que percorriam o interior não levavam nada de novo, na sua bagagem; sòmente iam ao encontro do Povo de quem eram filhos; iam descobrir o nosso verdadeiro Homem Timor que resistira na alma e no corpo às mutilações do colonialismo português; nessa descoberta, encontravam-se a si mesmos, e, para espanto deles mesmos, o Povo os tratava de "malae" - assimilado - porque o Povo era "MAUBERE"! O regresso às origens (que não o regresso à economia do ai suak) foi para muitos o início do seu verdadeiro nacionalismo.

Muitos tinham descoberto que, afinal, não iam ensinar nada de anti-colonialismo; e falo, por minha experiência, porque um dia,em Kakuit, no Kaduna (Palácio) empobrecido da viúva do Sr. D. Boaventura, Rei de Manufahi, pudemos ser conduzidos para um lugar ermo e desconhecido,pelo filho do velho "lia nain" Bere Siku, que nos mostrou com os olhos completamente marejados de lágrimas,a espada, o blusão e os enfeites de ouro usados pelo Sr. D. Boaventura e que ali foram secretamente guardados, antes do fatídico dia, da sua apresentação no Comando Militar de Manufahi, em 26 de Outubro de 1912.

O movimento cultural empolgante de então, as campanhas de alfabetização, etc. foram passos concretos então levados a cabo e que foram, realmente, o verdadeiro móbil de adesão do Povo Maubere à nossa querida FRETILIN e, à nossa opção UKUNRASIK AN".

2. Paralelamente, iniciava-se a nossa acção diplomática na área. O camarada Ramos Horta é a melhor testemunha, e disso poderá ele relatar com maiores detalhes. Mas quero frisar que toda a nossa acção principal se

circunscrevera à vizinha Indonésia, Austrália, Nova Zelândia e Países do Pacífico onde procurámos sempre divulgar o nosso Programa Político em matéria de Relações Internacionais: relações preferenciais com os Países da área, política de boa-vizinhança e cooperação.

O nosso grande erro, na minha opinião, repito, na minha opinião, foi o de termos caído na armadilha da diplomacia e mentalidade indonésias, tal como os Governos Portugueses de então tinham sido vítimas e que nos impediu de internacionalizar o conflito: por um lado, nós a balançarmos na corda bamba Indonésia-Timor-Austrália, e, os Portugueses nas Conversações secretas em que se trocavam sorrisos amarelos de hipocrisia ou abraços de acordo total com os generais de Suharto.

O erro, repito, foi o de não termos feito ruptura do triângulo Indonésia - Timor - Austrália, e aberto outras áreas e blocos políticos mundiais como a Europa Socialista e Ocidental, os EUA, a URSS, a Índia, China, América Latina (Brasil), e a África.

Mas fique bem claro: não estou a culpar a FRETILIN nem nenhum dos meus camaradas. Responsabilizo, em primeiro lugar, a Indonésia e Portugal.

O que é que nós, FRETILIN, tínhamos então ?

Em primeiro lugar, não tínhamos nem dinheiro nem recursos humanos disponíveis para cobrirmos com a nossa acção diplomática, as vastas áreas político-geográficas já enunciadas.

Em segundo lugar, quase ninguém sabia onde ficava Timor, e a própria maioria dos Portugueses julgava que Timor estava situado em África! Tínhamos outras desvantagens. A CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas - PAIGC, MPLA, FRELIMO e o Comitè para a Libertação de São Tomé e Príncipe, transformado em MLSTP, no pós-25 de Abril de 1974) não incluía Timor Leste e, por isso, não podíamos desenvolver uma acção, em bloco, sobre Portugal.

As primeiras saídas do cda. Ramos Horta, tanto à Indonésia como à Austrália foram custeadas do seu próprio bolso.

A primeira saída do saudoso cda. Presidente Nicolau Lobato, em Abril/Maio/75 foi graças a uma subscrição pública e quotização dos nossos membros o que permitiu realizar as suas viagens até Portugal com passagens por Moçambique e Angola que, na altura, tinham já Governos de Transição constituídos por Portugal e pelos Movimentos de Libertação.

Eu era o Delegado da FRETILIN, em Portugal, desde Janeiro de 1975, tal como o saudoso Sr. Dr. Moisés do Amaral era Delegado da UDT.

A minha primeira grande saída para a Europa para alertar o mundo das ameaças da invasão foi em Setembro de 1975. Às minhas afirmações e apelos ao mundo de que a Indonésia estava a proceder a manobras navais, próximas de Timor Leste, contrapunha o Governo Português de que a FRETILIN estava possuída de ALARMISMO. Percorri a Europa quase toda à base de sandes e cafè (quando havia) e de comboio à semelhança dos camaradas José Luís Guterres e José Maria Sarmento que também, antes de mim, tinham participado, na Itália, numa Conferència de apoio à CONCP. Na Suécia, o cda. Leonel de Andrade, Representante da FRETILIN, denunciou os preparativos da invasão pela Indonésia.

Fora de Portugal, no resto da Europa, mesmo os Comitès de Apoio à CONCP desconheciam Timor. Na altura, não havia um único Comité de Apoio a Timor Leste ou algo parecido. Havia, sim, Comités na Holanda, Inglaterra e Alemanha Federal que apoiavam a luta do Povo Indonésio contra o regime de Suharto. Não tenhamos dúvidas de que, quer os seus membros quer os dos Comités de apoio à CONCP , como o Committee for Freedom in Angola and Mozambique (Inglaterra), Mondlane Foundation e Angola Komite (Holanda)eram nìtidamente homens e mulheres de Esquerda.

A nomeação do cda. Roque Rodrigues como o nosso primeiro Representante em Moçambique, a partir da Independência deste País irmão em Junho/85, permitiu a partir de um País Soberano e Livre dar a conhecer a luta do nosso Povo separado do Povo Moçambicano sòmente pelo Oceano Índico.

A deslocação dos camaradas Mari Alkatiri e César Mau-Laka para assistirem à Independência de Angola, em 11/11/75, onde na altura estavam presentes delegações de todos os continentes, permitiu novamente à FRETILIN chamar a atenção do mundo para a ameaça eminente da invasão de Timor Leste pela Indonésia.

O tempo corria contra nós. Encontrávamo-nos perante a política portuguesa de abandono irresponsável de Timor. O saudoso Cda. Presidente Nicolau Lobato sintetizou bem a nossa luta contra-relógio:

> "É necessário acertarmos o passo ao ritmo do mundo. Por muito tempo, andámos descompassados".
>
> "Descolonizar para colonizar de novo é um contra-senso, um absurdo".

Em resumo:

Sempre tivemos em conta a situação geo-estratégica e por isso fizemos a circum-navegação da nossa área; tentámos abrir outras frentes não obstante os nossos limitados recursos; jamais desistimos de lutar pelos nossos direitos numa situação internacional conjuntural desfavorável para nós, porque Whitlam tinha dado o acordo da Austrália para a integração de Timor na Indonésia quando ainda os estudantes universitários não tinham pisado a Terra que os tinha visto nascer.

Foi determinante a abertura da Frente Africana e Progressista (PALOPs, Tanzânia, etc.), ponto de acesso ao Movimento Não-Alinhado e à ONU.

Ganhámos todas as Resoluções que foram sempre apresentadas pelo Grupo de Países não-alinhados; em 1982, a nossa Resolução fôra também apresentada e subscrita por Portugal e que é conhecida como Resolução 37/30.

Por isso mesmo, devemos dizer a todos quantos queiram de novo repisar considerações de ordem geo-estratégica a que supostamente a FRETILIN não tinha prestado atenção, que estão a fazer o jogo da Indonésia numa época em que, em virtude destes quinze anos de desmascaramento da Indonésia, já mais ninguém acredita nestes argumentos.

Dizermos, hoje, repetitivamente, que um Timor Leste Independente não causará perturbações na estabilidade da área, não é mais do que continuarmos a reafirmar as linhas mestras do nosso Programa Político de 1974. Mais: já no período do controlo do território, em Setembro de 1975, o CCF emitira dois Comunicados nos quais reafirmámos todos os princípios de boa-vizinhança, nomeadamente, a constituição de Brigadas Mistas FALINTIL/ ABRI da Indonésia para patrulhamento das nossas fronteiras, e nosso desejo de adesão à ASEAN.

Mj

Por isso mesmo, não aceito nem autorizo que alguém, fora ou dentro da FRETILIN, tente reescrever a nossa História e nos queira ensinar que, para ganhar o apoio mundial devamos proclamar alto e bom som que " os comunistas de Timor Leste eram cinco ou seis e que já morreram e, por isso, não há que temer um Timor Leste Independente! "

Peço aos nossos militantes de todas as Frentes para que respeitem um pouco mais a nossa História.

Peço às gerações presentes que respeitem os seus antecessores. Sem o sacrifício por eles consentido, já hoje seríamos Indonésios, e Portugal estaria a ganhar chorudos negócios e vantagens económico-comerciais com a Indonésia.

Aos novos que hoje têm oportunidade de percorrer o mundo peço para que retenham três coisas:

- a humildade e perseverança dos pioneiros da nossa Frente Internacional;
- a dignidade e o espelho que devem ser do nosso Povo;
- o apoio que sempre tiveram desta Delegação a que presido.

Os primeiros refugiados que chegaram ao Exterior e que se não coibiram de falar e denunciar as atrocidades do ocupante indonésio, tiveram todo o meu apoio , em todos os campos: o cda. Gregório Henrique, chegado a Lisboa, em Janeiro de 1983; o saudoso cda. Justino Mota, em Abril de 1983; o sr. D. Martinho Lopes, em Maio de 1983; o cda. Luís Costa, em Novembro de 1983; o cda. Estêvão Cabral, em Agosto de 1986; o cda. José Guterres (Zèzinho), em Fevereiro de 1987; o Anselmo Guterres, em Dezembro de 1987; o Cristiano da Costa, em Janeiro de 1988; o cda. João Maria Reis, em Janeiro de 1989; o cda. Abílio Sereno, em Março de 1989 ; a cda. Natalina Horta, em Março de 1989; e, cda. António Maria Araújo , em Abril de 1989. Enfim, uma imensa lista que seria fastidioso citar!

Alguns percorreram continentes ou visitaram países europeus; outros falaram em tribunas internacionais ou foram entrevistados pela Imprensa, Rádio e Televisão; outros ainda, percorreram Portugal, para participarem em Conferências, Colóquios, Seminários sobre a problemática de Timor Leste.

Infelizmente, um grupo dos nossos irmãos que não estavam acostumados nem aos "flashes" dos repórteres de Televisão, nem às câmaras fotográficas; e que, muito menos, tinham sonhado falar em areópagos internacionais ... ... pelo menos tão cedo ... , atiçados também por "hansips" e "sakas", julgaram azado o momento de agir e combater a Delegação Externa por mim presidida, proclamando-se em"alternativas" , ou apoiando hipotéticas "alternativas" ! E para tanto, começaram a apregoar aos quatro ventos, o nosso "radicalismo", o"infantilismo" e os "erros"de condução do processo da luta na Frente Diplomática, desde a invasão até hoje, para tanto confiantes da "cobertura" da "FRETILIN do XANANA" contra " FRETILIN do Abílio". Pressurosamente, empacotaram, aos magotes, tudo quanto dissesse respeito às suas "actividades diplomáticas" que sòmente "se não expandiam" por causa da minha "obstrução sistemàtica" e a todos exibiam.

A tacanhez destes nossos irmãos só pode merecer de nós compreensão e compaixão!!!

3. A "operasi Komodo" sofrera uma grande derrota quando se constituíu a Coligação da UDT/FRETILIN, em 20 de Janeiro de 1975 porque contribuíu ainda mais para fortalecer a Unidade Nacional e inviabilizar a estratégia da Integração, pela via pacífica, com a utilização da APODETI.

Todos sabemos que a Indonésia procurou, de imediato, minar a Coligação sem ter desistido de utilizar outras armas disponíveis: aliciamento das populações com açúcar e ofertas de aparelhos de rádio-transistores para captar a Rádio-Kupang que abria os programas com rajadas de metralhadoras (método de intimidação) e acusava a Coligação UDT/FRETILIN de unidade de fascistas e comunistas. Também, hoje, está provado que, nesse período, a Indonésia infiltrara seus agentes em Timor Leste para desestabilizar o território, conduzir à própria ruptura da Coligação, incitar a UDT a perpetrar o Golpe de 11 de Agosto de 1975. Quem comandava todas estas operações era o então Major Dadin Kabualdi que já se tinha infiltrado no nosso território muito antes da invasão pela fronteira de Timor Leste com o Timor Indonésio.

IV - CORAGEM NA NOSSA AUTO-CRÍTICA E CORAGEM NA CRÍTICA DOS ERROS DOS OUTROS PARA QUE CIMENTEMOS UMA VERDADEIRA UNIDADE NACIONALISTA

Camaradas

Reconheço que, por formação cristã e revolucionária da maioria dos membros da FRETILIN, somos muitas vezes levados a açoitar-nos impiedosamente pelos nossos pecados ou erros: o "mea culpa" atritivo ou contritivo assim como a auto-crítica revolucionária são sentimentos nobres que devemos continuar a estimular no nosso seio. Sòmente não concordo que fiquemos a penitenciar dos nossos pecados ou erros e, caiamos no imobilismo que é o estado permanente dos "críticos" do nosso processo.

Este estado de espírito leva-nos ao silêncio sobre o papel de Portugal do passado ou, ao outro extremo que é o laudatório perene da acção de Portugal de hoje, que, diga-se de passagem, continua a padecer de falta de entusiasmo, criatividade e coerência!

O mesmo quanto disse sobre Portugal pode ser adaptado à nossa Igreja Católica de Timor Leste! Sejamos claros e frontais: a Igreja de Timor Leste teve muitas culpas na apologia que fez do regime indonésio, no período prè-invasão. E ficar-lhe-ia muito bem como gesto de humildade cristã reconhecer também os seus erros e não procurar ùnicamente colher os louros do presente que, diga-se em boa verdade, também foram dados pela FRETILIN no esforço que esta sempre fez de ganhar toda a gente para a causa da Justiça ao nosso Povo e da Independência e Libertação da nossa Nação!

Em relação a Portugal, não podemos ignorar o seu papel demissionista aquando do controle de Timor pela FRETILIN que continuava a reconhecer a sua soberania sobre o território, e insistia, em telegramas sucessivos, o regresso do Governador Lemos Pires.

Nas jornadas de solidariedade realizadas no Porto, em 29 de Abril de 1989, pela Reitoria da Universidade do Porto, encarei pela primeira vez, na minha frente, após quinze anos, o Sr. Brigadeiro Lemos Pires. Na sua intervenção cujas linhas de reflexão coincidem com a minha análise do

Ponto III, o Sr. Brigadeiro Lemos Pires chegou ao ponto de afirmar a um anti-comunista primário presente na sala que, ao dizer que a invasão se devera à existência de uma FRETILIN de esquerda, o mesmo estava a cair no logro propagandístico da Indonésia!

O mesmo Sr. Brigadeiro apontou os erros do Estado Português, nomeadamente, o silêncio do Governo Central em relação aos telegramas por ele enviados de Ataúro no sentido de iniciar conversações imediatas com a FRETILIN que controlava o território e outros dirigentes da UDT, presentes em Díli, e de internacionalizar o conflito para evitar uma intervenção armada da Indonésia.

Para ele, não havia dúvidas de que os Indonésios tinham feito reféns os dirigentes da UDT que tinham atravessado a fronteira e estavam em Atambua.

Camaradas

Todos sabemos as circunstâncias em que a nossa Independência foi proclamada em 28 de Novembro de 1975.

Todos sabemos as circunstâncias em que a nossa Constituição foi redigida.

Falar hoje dos massacres da FRETILIN no período das Bases de Apoio (1975-78) como inspirados e atiçados pela chamada "ala marxista" para além de ser uma atitude que não dignifica quem tal profere, contraria a própria objectividade dos factos.

Quem praticou o massacre de Aileu? Quem chicoteava os presos da UDT durante o contra-golpe ? Quem abusava das nossas jovens nos períodos das Bases de Apoio ? Ao que eu saiba, de entre a chamada "ala marxista" sòmente o cda. César Mau Laka, foi severamente criticado pelos cdas. Lear e Sahe pela sua rígida disciplina e práticas de fuzilamento e, não foi por vontade destes que o mesmo se manteve no CCF !

Os maiores facínoras foram a chamada " ala moderada anti-comunista" e que foram pelo Povo desmascarados com o tempo. Não sou eu que o ouvi; mas o próprio camarada Ramos Horta que chegou de escutar da boca de insignes militantes da UDT, na Austrália, que se SAHE ainda estivesse vivo, seria por eles tratado como um Deus!

Quem criou o Partido M-L FRETILIN, em Março de 1981 ?

Não foram, de certeza, os mortos, os "antecessores" que dirigiram a FRETILIN até 1979, em Timor Leste !

Não há, por isso, razões para sacudir do capote uma tomada de decisão de tamanha gravidade como foi a criação do Partido, em Março de 81, pela I Conferência Nacional (Congresso da FRETILIN), e muito menos apresentar simplìsticamente a argumentação da "continuidade" ... porque tinha havido um enorme hiato de dois anos !!!

Hoje, reconheço que tive o bom senso de não divulgar os textos do companheiro Xanana Gusmão "Pátria e Revolução" e"Temática da Guerra" . Aliás, quem nos trouxe todo esse manancial de documentos (oito cassetes gravadas) foi o sr. D. Martinho Lopes, em Maio de 1983, porque, atè então, sòmente tínhamos uma vaga ideia sobre o assunto.

Hoje, reconheço que fui justo com o cda. Ramos Horta que ao ter-se recusado a ser membro do CC do Partido, tal facto não me impediu de redigir um Louvor à sua acção, na arena internacional, Louvor que o CC da FRETILIN reiterou, em Maio de 1985.

Aceitei o cargo de Secretário-Geral do Partido como uma tarefa, e as circunstâncias não permitiram uma troca de correspondência ou "diálogo" sobre o facto.

Tudo acatava imbuído que estava da necessidade de submissão pessoal e da Delegação por mim dirigida ao Órgão Máximo - Conferência Nacional ou o Comite Central, entre-Congresso/Conferência - que era o Comando da Luta instalado no interior da Pátria.

Assumi, em tempo oportuno, o trágico erro dos fuzilamentos e massacres; mas não posso concordar com " variações em Dó Maior" ou "Fugas em Lá Menor" só para agradar a gregos e troianos, cedendo a pressões externas e internas de gente que poucas ou nenhumas provas deu de serviço à causa da Pátria ou dos sagrados direitos do nosso Povo.

Em 1981, escutara com emoção o depoimento do Sr. Pe. Leoneto do Rego, Homem do Povo e da Verdade, ao descrever a sua vida nas áreas controladas pela FRETILIN, perante os Juízes do Tribunal Permanente dos Povos. Escutei-o com lágrimas quase a transbordarem das minhas pálpebras à descrição da Educação Cívica e Patriótica, a Ética e a Moral preconizadas pelos nossos Dirigentes já tombadas como Nicolau Lobato, Lear, Sahe, e outros, como factores que levaram o Povo a admirar a FRETILIN!

Em contraste, ouvíamos os seus depoimentos sobre o comportamento imoral e corrupto da soldadesca javanesa e seus mentores ideológicos (muçulmanos e não só, porque os há também como católicos, apostólicos e romanos!).

Em 1983, com a chegada do Sr. D. Martinho Lopes cimentaram-se ainda mais os conhecimentos sobre a vida nas áreas controladas pela FRETILIN.

Informações como estas e outras fornecidas pelo cda. Luís Costa (ex-sacerdote) são hoje postas em causa! Qual o preço da inversão destes valores ?

Quando o Amigo Professor Barbedo de Magalhães afirma que "no dia 7 de Dezembro, houve ministros da Igreja Católica que saudaram os paraquedistas indonésios como anjos vindos do Céu para libertarem Timor Leste do comunismo";

Quando recordo a carta do companheiro Xanana Gusmão ao "caríssimo Pe. timorense" em que se aborda o comportamento miserável dos padres "seratus persen" (100%) pró-Indonésios;

Recordo a Igreja de Cristo já com 2.000 anos e que teve Ministros, Bispos e Papas os quais se o seu Fundador tivesse voltado novamente à Terra, de certeza, teriam sido corridos das suas cátedras com chicotes tal como acontecera com os vendilhões do templo!

Recordo as várias dissenções, as várias Confissões Cristãs da actualidade resultantes de Cismas, da Reforma, da Contra-Reforma, para não falar da Inquisição!

Recordo o Concílio Vaticano II e suas contribuições tanto na "renovação" como na "adaptação"da Igreja Romana à dinâmica das Sociedades! Sem essas "glassnots" ou "perestroikas" ao longo dos séculos, dificilmente a Igreja Romana sobreviveria não obstante a sua "componente Divina" !

V - CONTRA A CRISE DE IDENTIDADE E DESCARACTERIZAÇÃO DA FRETILIN, ENRAIZEMO-NOS NA CULTURA MAUBERE E BUSQUEMOS O NOSSO LUGAR COMO POVO NO CONCERTO DAS NAÇÕES

Camaradas

Encaremos sempre estas realidades com o necessário discernimento e serenidade. Mas também não temamos a discussão franca e aberta destas questões. Vivemos hoje uma ofensiva ideológica a todos os níveis, e, de todos os quadrantes. As emissoras internacionais, os jornais, etc., bombardei insistentemente as nossas mentes com o chamado" fracasso dos modelos de Esquerda" a nível mundial ou com a chamada "impotência dos Povos sub-desenvolvidos na sua luta por uma Nova Ordem Económica Internacional".

Esta é uma avalanche naturalmente avassaladora até porque a nossa experiência no plano do real e não do imaginário acaba por fàcilmente secundar a "DESCRENÇA EM TUDO".

Os Partidos Socialistas e Sociais-Democratas do Ocidente abandonaram-nos todas as vezes em que tomavam o poder, alinhando sistemàticamente com os fascistas indonésios.

Os Países Socialistas há muito que vêm proclamando os cinco princípios da coexistência pacífica entre Estados para justificar o seu relacionamento com Suharto e a conivência no massacre e genocídio do nosso Povo.

A Organização das Nações Unidas chega ao desplante de galardoar Suharto com o prémio de "boa política de controle de natalidade".

O Vaticano, na esteira das perspectivas contabilísticas, inclina-se para o prato da sua balança onde diz Igreja Indonésia, e, deixa cair o outro prato onde diz Igreja de Timor que, afinal, " só tem 400.000 (quatrocentos mil) almas" para citar o mui reverendo Pe. Tutxi S.J.,

E, não será,por isso, que os socialistas, sociais-democratas, comunistas e cristãos que militam na FRETILIN virarão todos conservadores, liberais, jacobinos, anti-clericais ou mesmo agnósticos, ateus e animistas! Mas também a FRETILIN não impede que um militante seu possa mudar de opções políticas e/ou religiosas porque, no nosso seio Frentista todos temos um lugar específico desde que queiramos e lutemos por um Timor Leste Livre e Independente!

Não quero, no entanto, deixar de dizer algo, nesta oportunidade, sobre as minhas próprias convicções:

1. Sou timor/MAUBERE e orgulho-me de ter encontrado no Povo Maubere a fonte de inspiração para a luta que encetei, ainda menino e moço, em prol dos valores e Cultura do nosso Povo para cuja salvaguarda, a Independência seria o único caminho! Muito novo, aprendi a amar o Povo simples da montanha e a identificar-me com ele, eu que descendo da Casa DATO de Bismau e Dasi Koli, do SURULAU, e da Casa Mantilu, de Manu Tasi, do SURU.

Assiste-se a uma cruzada anti-Maubere, no Exterior, encetada por uns tantos portugueses e outros timorenses. Argumentam por aí alguns como Jorge Barros Duarte que o termo Maubere é invenção da FRETILIN e que se deve a mim a sua ampla difusão internacional. Depois de afirmar que Maubere não é um etnónimo mas sim,um antropónimo, e que, portanto Povo Maubere seria equivalente ao Povo José ou João (havendo ainda quem compare Povo Maubere ao Zé dos Anzóis!), os mesmos atribuem carácter pejorativo e insultuoso ao termo Maubere.

Neste plano, a nossa resposta tem que ser firme. Qualquer cedência levar-nos-á, paulatinamente a uma " descaracterização" seguida de " crise de identidade". A FRETILIN encontra-se enraizada na Cultura do nosso Povo! E como os mesmos "se apercebem" de que "temos medo do marxismo" vai daí, equiparam Marxismo a "Mauberismo", terminologia que jamais encontrei em nenhum escrito da FRETILIN!

Para nós, o termo Maubere tem menos a ver com antropónimo e mais com a Semântica.

A utilização e difusão do termo Maubere, em Timor Leste, remonta aos meados da década de 60 (sessenta). As autoridades coloniais portuguesas e especialmente a tropa portuguesa cujos contingentes de centenas de homens "inundaram" Timor Leste no seguimento das operações em África

AB

("Para Angola, rápido e em força", frase de Salazar), ràpidamente introduziram no seu léxico a palavra maubere para distinguir o "não-assimilado" dos "assimilados . O não-assimilado era, portanto, o nativo iletrado, sub-alimentado, pobre, em resumo, " o selvagem". Pois Maubere é o Homem Timor que resistiu à dominação cultural do Colonialismo, aquele que era o verdadeiro portador da cultura do nosso Povo, e, por isso mesmo, sofreu na carne e ossos os piores efeitos da colonização.

Compreendo perfeitamente que haja pessoas, aqui no Exterior, que não tenham vivido e experimentado os insultos dos colonialistas aos nossos irmãos mauberes, e que , se calhar, também fizeram côro com os mesmos, porque nunca se consideraram nem timorenses nem timores e preferiram buscar as suas origens lusitanas, do lado paterno!

Compreendo perfeitamente que haja timorenses a quem se adapta perfeitamente o retrato feito por Frantz Fannon in PELES NEGRAS, MÁSCARAS BRANCAS, e por isso, lhes repugna serem rotulados de mauberes!

Mas não será por aqueles que ontem rejeitaram a sua condição de timorenses ou timores e, como tal, sujeitos a um determinado "modus vivendi", no plano social, cultural e ético; do mesmo modo como, não será por estes que sòmente se aperceberam da existência do Povo e Nação que somos depois de terem sido cem por cento lusitanos e "seratus persen" indonésios; como vinha dizendo, não será por esse punhado de desiludidos que, sòmente hoje,aceitam ser timorenses mas nunca mauberes que iremos rejeitar a nossa terminologia de POVO MAUBERE. Pelo contrário, vamos continuar a utilizar este termo com toda a carga histórica, cultural e social que o próprio termo maubere encerra em si, até porque o nosso Povo Combatente bem se orgulha de ser MAUBERE!

2. Acredito e continuo esperançado e convicto (como cidadão do mundo que sou, depois de maubere) nos valores universais proclamados pelo Socialismo, na sua génese histórico-filosófica e o seu contributo para o enriquecimento do conteúdo dos termos: Auto-Determinação e Independência, Democracia, Justiça Social, Paz e Desenvolvimento. Acredito que a opção socialista encarna o verdadeiro Humanismo e que é necessário enquadrá-la na época histórica em que vivemos e de acordo com o estádio de desenvolvi-

mento dos povos e sociedades.

3. Decorrente das posições já expressas, luto pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher, e rejeito as teses de que, "no respeito pela tradição e cultura dos Povos" , o estatuto da mulher nas sociedades de tipo feudal e tribal existentes nos chamados países sub-desenvolvidos, deva ser intocável, isto é, a mulher deva continuar a ser a escrava do homem.

4. Sou militante da causa da Paz e da não-Proliferação das armas de todo o tipo: convencionais e nucleares. Partilho da consciência universal crescente de protecção e defesa da Vida e do nosso Planeta, seja pela protecção ecológica seja pela canalização dos recursos mundiais disponíveis para a exploração pacífica do Espaço Cósmico, sempre orientada no sentido de proporcionar maior Felicidade à Humanidade.

5. Repudio todas as ditaduras bem como regimes tutelados por militares e que são geralmente sustentáculos de oligarquias.

6. Rejeito os modelos do chamado Socialismo Real nos países socialistas onde a sua construção foi tumultuosa e cerceadora de Liberdades individuais.

7. Rejeito o confronto ideológico entre o Ocidente e o Leste, cada um deles a querer demonstrar a superioridade do seu modelo, mas ambos cada vez mais inter-dependentes seja a nível económico-financeiro seja ao nível da cooperação tecnológica e científica .

8. Advogo a cooperação Sul-Sul entre os Países do Terceiro Mundo e denuncio as actuais relações chamadas de cooperação Norte-Sul em que o Norte (Capitalista e Socialista) sacrifica e explora os Povos do Sul. Denuncio a Cooperação em que o Norte dá um chouriço para levar do Sul um porco!

10. Enalteço a matriz judaico-cristã na formação do meu carácter, principalmente nas suas vertentes da Perseverança, Solidariedade e Defesa da Causa dos Oprimidos.

A propósito recordo o meu amigo Pe. Paul Calperz, S.J., de Sri Lanka que, numa Conferência, em Vichy, França, em 1982, defendia perante a audiência o Marxismo e o Cristianismo, Conferência patrocinada pela Con-

Mb

ferência Episcopal Francesa para a qual fui convidado como Representante da FRETILIN.

Foi nessa ocasião que almocei com S. Eminência o Cardeal Kim, da Coreia do Sul;jantei com os Bispos Lebayang (Filipinas) e Mansap (Tailândia). A todos apelei para a solidariedade com a luta do nosso Povo, e em particular com a Igreja Católica de Timor Leste ao tempo dirigida pelo Mgr. D. Martinho Lopes.

Já, em minha casa, em Lisboa, durante a luta contra a ditadura de Marcos , pernoitaram sacerdotes, freiras e um Mgr. das Filipinas. Este último , referindo-se às Democracias Cristãs reinantes na América Latina, afirmou-me peremptòriamente que não eram nem Democracias nem Cristãs.

Camaradas

A credibilidade que grangeámos nestes quize anos junto de Governos, Partidos, Instituições Religiosas e Opinião Pública internacional deve-se à própria definição da FRETILIN, dos seus Objectivos e dos Direitos do Povo que soube, sabe e saberá defender.

Sempre utilizámos a linguagem da coerência, e, a bem da Verdade, se o nosso comportamento tivesse sido outro, já nada teria restado no Exterior porque, como sempre afirmei, o nosso único capital é a nossa coerência e o respeito que soubemos incutir nos nossos interlocutores de todos os quadrantes.

VI - AMPLIEMOS A FRETILIN E REFORCEMOS A CONVERGÊNCIA NACIONALISTA

Camaradas

Aceitei, com naturalidade, a tese da II Conferência Nacional que apontava para a necessidade de dotar a FRETILIN (Frente) de estruturas funcionais tendo em conta um dos objectivos traçados que era o de Ampliar a Frente e/ou o de estabelecer plataformas de entendimento com os Movimentos

Nacionalistas existentes a fim de dar corpo à nossa Política de Unidade Nacional!

Camaradas

Com tristeza , vejo abandonar as fileiras da FRETILIN, o mui querido Comandante das FALINTIL, Xanana Gusmão, um destacado filho do Povo Maubere, postado hoje na Frente mais perigosa e difícil que é a Frente Armada.

Continuo a admirar a sua coragem e brilhantismo intelectual, e se mais não posso fazer para encurtar o sofrimento do nosso Povo, é porque o nosso inimigo é demasiado poderoso e nós demasiadamente fracos!

Camaradas

Sempre fiel ao Comando da Luta, no interior do País - CCF e CRRN (CCF alargado ao Comando das FALINTIL) - , acolhi, com alegria, o nosso Plano de Paz emergente das Conversações Preliminares de 1983 porque o mesmo já indiciava duas corajosas posturas que seriam mais tarde substancialmente definidas: por um lado, a renúncia da FRETILIN em reclamar a exclusividade da representação do nosso Povo, e, por outro lado, a abertura de portas para uma participação mais activa na luta e engajamento de todos os nacionalistas, tanto no Exterior como no interior da Pátria.

Assim, iniciei "motu proprio" vários contactos para uma reunião com a UDT, iniciativa que foi por mim proposta em detalhe e fundamentada ao CCF, na conversa estabelecida entre mim e o companheiro Xanana, em Março de 1985, via-Rádio, iniciativa que tinha em vista a formação da Convergência Nacionalista, terminologia também proposta por mim.

Recorde-se que embora a UDT tivesse e ainda tenha hoje muitos dos seus dirigentes, no Exterior, sòmente a Representação da UDT presidida pelo saudoso Dr. Moisés do Amaral tinha vindo a tomar posições,desde a invasão em 1975 sobre a nossa luta, não só em Portugal como também na ONU de quando em vez.

Recordo que foi, precisamente no dia 25 de Dezembro de 1984, que,

AB

tendo fracassado nas minhas tentativas de conversar com o Dr. Moisés do Amaral, utilizando diversos intermediários, tomei a decisão de telefonar e falar directamente com ele. Nunca os dois nos tínhamos encontrado anteriormente e muito menos conversado um com o outro.

O Dr. Moisés do Amaral invocou a falta de tempo, na quadra natalícia, mas que posteriormente, talvez, fosse possível um encontro.

A escolha do dia de NATAL não foi um mero acaso. O Natal é o Dia da Família e quis com o meu gesto dar o sinal da necessidade da Reconciliação da Família Maubere.

A UDT debatia-se com vários problemas, nomeadamente, o da indefinição das suas estruturas. Mas,nutria por ele um grande respeito porque ele foi a Voz da UDT que, em 7 de Dezembro de 1975, denunciou a invasão e o aproveitamento político feito pela Indonésia dos líderes da UDT, "de facto" cativos.

No exterior, tanto em Portugal como na Austrália, proliferavam grupos, associações, clubes dirigidos por dirigentes da UDT de 1975, mas que, salvo raras excepções, não assumiram a liderança da UDT pública e ostensivamente.

Assim, perante o contínuo silêncio da UDT de Lisboa, não obstante eu ter redigido uma Carta formal da FRETILIN para solicitar o encontro (Anexo 2), desloquei-me à Austrália, em Março de 1985, para falar com o companheiro Xanana Gusmão, via-Rádio, sobre a Convergência Nacionalista; organizar a sessão do anúncio oficial do restabelecimento das ligações-rádio com Timor Leste; e, procurar falar com os dirigentes da UDT, em particular, com o Sr. Domingos Oliveira, Secretário-Geral da UDT. Sabendo de antemão que o Senador McIntosh tinha o contacto do Sr. Domingos Oliveira, telefonei de Darwin e pedi ao Senador que me proporcionasse um encontro, no seu Gabinete, em Perth, entre mim e o Sr. Domingos Oliveira.

Ficámos sós após o nosso reencontro, passados 10 anos! Falei no silêncio da UDT e na ausência de resposta da UDT à Carta oficial da FRETILIN. Foi-me assegurado por ele que dava todo o apoio aos contactos entre a FRETILIN e a UDT, mas que os mesmos deveriam ser feitos com o sr. Dr. Moisés do Amaral, que representava a UDT.

De Perth, regressei a Lisboa, em finais de Abril de 1985. São longos os meses de espera. Um dia, tomo a decisão de telefonar à sede do C.D.S. (Partido do Centro Democrático-Social) e pedir um encontro. O CDS mantinha e mantém relações com a UDT. Nesse encontro tido com o Amigo Engº Miguel Anacoreta Correia, então Vice-Presidente do CDS, falei do desejo de Reconciliação e Convergência com a UDT, objectivos prontamente assumidos pelo CDS. Daí em diante, tornou-se mais fácil o diálogo entre a UDT e a FRETILIN com a mediação do CDS..

Não me esqueço da primeira vez que apertei mão ao Sr. Dr. Moisés do Amaral. Foi, precisamente, quando o Sr. Dr. Mário Soares nos recebeu, em Fevereiro de 1986, aquando das Campanhas Presidenciais. Foi, nesse encontro, que o Sr. Dr. Mário Soares nos assegurou que a Convergência dos dois Partidos Políticos nacionalistas timorenses tornava mais fácil o trabalho de Portugal na promoção da Questão de Timor Leste, na arena internacional.

A Convergência Nacionalista se "apenas" engloba a UDT e a FRETILIN é porque são as duas únicas Organizações com raízes históricas.

Não aceitamos nem aceitaremos a tese de que se a Indonésia usou o KOTA, o TRABALHISTA, etc., pela mesma razão a Convergência Nacionalista deveria englobar o KOTA e outros para exibir perante o mundo. Não façamos brincadeiras de tentar criar " partidos nascituros que serão nado-mortos" para parafrasear o sr. D. Martinho Lopes, e muito menos de encarar, com seriedade os " arrivistas"! (ARRIVISTAS - designação política dos indivíduos que se comportam como as aves de arribação que fogem do País quando o Inverno duro e rigoroso bate a porta, e são os primeiros a chegar para anunciar ou acompanhar a chegada do bom tempo !)

VII - ADEQUAÇÃO DAS ESTRUTURAS DA DIRECÇÃO DA LUTA À FASE ACTUAL E CARACTERIZAÇÃO DESTA ETAPA DE LUTA

Camaradas

Em Fevereiro deste ano, teve lugar, em Lisboa, a III Reunião de Reverificação das Actividades da DFSE. As informações sobre o Reajustamento Estrutural da Resistência levaram-me a convocar em tempo record, uma

Reunião Extraordinária dos membros do CCF, no Exterior. A celeridade com que aquelas informações percorreram as nossas comunidades, na diáspora, bem como os nossos núcleos clandestinos, nas áreas ocupadas pelo inimigo; a necessidade de responder às várias questões e problemas de Organização insistentemente colocados pelos nossos Quadros Responsáveis e outros membros do CCF actuando nas zonas do inimigo; tudo isto, levou-me a insistir na urgência daquela Reunião Extraordinária, em Lisboa, que veio a realizar-se na primeira semana de Julho do corrente.

A Reunião Extraordinária de 1989, dos membros do CCF, no Exterior, aprovou uma Declaração que consta do Anexo. (Anexo 3). Na ocasião fiz uma Declaração de voto cujo teor faz parte da mesma Declaração.

Quero afirmar-vos que a minha posição foi extremamente ponderada e maduramente reflectida. Não quis pecar nem por excesso, nem por defeito ou omissão.

Estando nós numa encruzilhada histórica difícil, achei fundamental que houvesse um Documento Conjunto que reflectisse um ponto de vista comum sem necessàriamente esgotar a reflexão individual sobre as várias questões levantadas não só pela postura pessoal do companheiro Xanana mas também pelo posicionamento da FRETILIN e da UDT em relação ao Conselho Nacional de Resistência Maubere nas suas componentes: interna (Comando e Estado Maior das FALINTIL) e externa (Chefia da DRSE).

Assim,

1. Não questiono o apartidarismo das FALINTIL nem a sua neutralidade, mas rejeito o papel de árbitro atribuído às FALINTIL. A arbitragem será num regime de democracia parlamentar uma das competências do Tribunal Constitucional. O Chefe de Estado perante um diploma legislativo aprovado pelo Parlamento e sobre o qual impendem dúvidas quanto à constitucionalidade, pode submetê-lo ao Tribunal Constitucional. Nem o próprio Chefe de Estado que também é o Comandante-em-Chefe das Forças Armadas é árbitro, mas moderador e gerador de consensos entre os vários Òrgãos de Soberania. Sòmente em casos extremos, previstos constitucionalmente, o Chefe de Estado poderá fazer uso do poder de dissolver o Parlamento, e convocar eleições, conferindo, assim, o papel de árbitro "latu sensu" ao Povo.

Tornar as FALINTIL apartidárias, portanto, EXÉRCITO NACIONAL DE LIBERTAÇÃO, será um passo positivo na medida em que se esboça desde já, na prática, a sua subordinação aos legítimos Representantes do Povo. Dito doutra forma: as FALINTIL deixaram de ser o Exército da FRETILIN para se transformarem no Exército da Nação em luta de Resistência e, por isso mesmo, a decisão de as despartidarizar poderá concitar um apoio mais vasto e sem reticências por parte de todos aqueles que colaboraram no passado ou são forçados ainda hoje a trabalhar com o inimigo, e que apoiam, no fundo dos corações, a justeza da Luta em prol da Independência.

Porém, questiono a componente Externa do CNRM, a Chefia da DRSE (Delegação da Resistência em Serviço no Exterior). A existência de uma Chefia pressupõe a formação de uma DRSE que seria um passo para trás. Forçar dois Partidos diferentes num só partido e alargado a "independentes", com todo o respeito que estes merecem, é voltar novamente ao Partido Único para além de outros problemas que tal decisão acarreta como os métodos de trabalho e de organização, definição de competências, etc., etc..

Por outro lado, a Chefia da DRSE apresenta-se desajustada da realidade externa, porquanto a prática política da convivência e trabalho da Convergência Nacionalista encetada pelos seus líderes máximos permitiu gradualmente criar condições para o surgimento de uma estrutura de carácter permanente.

A recusa do Mgr. Martinho Lopes, personalidade apartidária, em se assumir como membro da Chefia da DRSE, tendo-se mostrado ùnicamente disponível para exercer o papel de Conselheiro, vem reforçar ainda mais a impraticabilidade desta estrutura nos moldes propostos.

Camaradas

Tudo tenho feito, no Exterior, com vista a envolver um maior número de activistas mauberes/timorenses na nossa Frente Diplomática e internacional.

Temos vindo a assistir, ao longo destes anos, aqui no Exterior, a tentativas e variados esforços de constituição de partidos, movimentos políticos ou cívicos e culturais cuja preocupação era a defesa de Timor. Nenhum deles vingou ou criou raízes para o desenvolvimento. Todas as tentativas fracassaram não por falta de homens e mulheres com formação e valor para levarem até ao fim o empreendimento sublime e difícil que é o de contribuir para a Libertação do nosso Povo. Elas fracassaram porque partiram de premissas falsas ou tinham objectivos contraditórios.

Houve e continua a haver a corrente de opinião de que " a APODETI fez mal, a UDT idem aspas, mas a FRETILIN também matou muita gente, etc., etc.' Por isso mesmo, os propagadores desta corrente de opinião advogam que a "dissolução dos Partidos" (leia-se a dissolução da FRETILIN) permitiria o seu empenhamento na luta.

Para muitos, o surgimento da Convergência Nacionalista foi visto como o início da diluição da FRETILIN e caminho aberto para a sua dissolução a curto/médio prazo e surgimento do novo Partido chamado de Convergência Nacionalista ou Partido de Resistência - PARTIDO ÚNICO!

Outros houve e há que apostam na sua afirmação política quer de grupo quer pessoal, pelo combate sistemático aos Partidos da Convergência e seus líderes, recorrendo mesmo a calúnias e outras infâmias, práticas tais que fazem denotar, a léguas, o seu aventureirismo, a ambição e falta de seriedade, porquanto um verdadeiro nacionalista busca, na etapa actual, a CONVERGÊNCIA de esforços de todos, e, não será por demais repetir que se há algo para aprender, nesta Frente internacional, inquestionàvelmente, esta aprendizagem terá de ser feita com a FRETILIN e não contra esta!

Desde a constituição da Convergência Nacionalista vários passos significativos foram já dados. Escusado será enumerá-los exaustivamente; contudo, julgo importante realçar o seu reconhecimento pelo Parlamento Europeu, em 16 de Setembro de 1988 como legítima representante do Povo de Timor Leste, o reconhecimento pelo Governo Português, em 8 de Fevereiro de 1989, e a próxima visita oficial da Convergência Nacionalista à Santa Sé, na primeira semana do próximo mês de Setembro.

O óptimo é inimigo do bom sem que tal queira significar nosso imobilismo. Mas julgo tambem que, no Exterior,poucos ou nenhum responderá positivamente a qualquer apelo do género " VENI ET SEQUERE ME" (Vem e Segue-me Poucos ou nenhum estará disposto a largar a estabilidade dos seus empregos e vida familiar para participar activamente na Frente Internacional, e, convenhamos, que as razões que nos irão apresentar são de todo justas e legítimas.

É que objectivamente nem a FRETILIN nem a UDT (creio eu) tem financiamentos para manter uma estrutura humana e material como a OLP que tem um Orçamento anual de cerca de 300 (trezentos) milhões de dólares norte-americanos!

Os nossos apoios e meios são de tal modo reduzidos e tendem a reduzir-se cada vez mais que encaramos, no presente, a busca de alternativas de auto-financiamento das actividades, passando inclusivemente pelo desempenho de actividades remuneradas em áreas para as quais cada um de nós esteja habilitado.

É neste quadro já de si difícil que arcamos sobre os nossos ombros as consequências da constatação do actual impasse militar no terreno e uma maior infusão de responsabilidades na condução da luta, no plano diplomático, onde se aposta decisivamente numa solução política e negociada, e onde também, por isso mesmo, o inimigo procura extrair, no máximo, as suas potencialidades e recursos na manipulação dos diversos agentes e sujeitos deste processo que são a Convergência Nacionalista, o Governo Português e a ONU.

De permeio, vemos o dedo do inimigo a actuar junto de outras entidades internacionais como o próprio Vaticano, etc., na preparação da eventual visita do Papa à Indonésia.e Timor Leste.

Por isso mesmo, constitui um sério imperativo a adequação das Estruturas de Resistência à etapa actual de luta e suas exigências.

No plano externo, a Convergência Nacionalista é reconhecida como um parceiro credível e indispensável sem o acordo da qual nenhuma solução poderá vingar.

Vistas assim as coisas o CONSELHO NACIONAL DE RESISTÊNCIA MAUBERE surge, efectivamente como o Órgão de Direcção ou Comando da Luta com duas componentes: a interna, representada pelo Comando das FALINTIL na pessoa do companheiro Xanana Gusmão,e, a externa, representada pelo DIRECTÓRIO da Convergência Nacionalista constituída pelos líderes máximos da FRETILIN e UDT.

Nesta formulação, a DIRECÇÃO OU COMANDO DA LUTA estará alargada, cabendo aos três líderes a responsabilidade colectiva de condução da luta do nosso Povo enquanto durar a guerra. Esta formulação vem de encontro à "Mensagem de 7 de Abril de 1989 do companheiro Xanana aos Refugiados Timores no Exterior " da qual transcrevo o seguinte:

> " ... AQUI, NO INTERIOR DA PÁTRIA ... O COMANDO DA LUTA FOI ENTREGUE AO COMANDO DAS FALINTIL ... QUE SE COLOCOU, OMBRO A OMBRO, NO MESMO PÉ DE IGUALDADE, COM AS DUAS FORÇAS POLÍTICAS, VERDADEIRAMENTE REPRESENTATIVAS DO POVO MAUBERE, E SOLIDÁRIO COM A IGREJA DE TIMOR LESTE ".

Camaradas

Reconheço o enorme papel desempenhado e a desempenhar pela FRENTE CLANDESTINA.

Sem esta FRENTE e compenetração da sua importância vital na conjugação dos esforços entre o Comando das FALINTIL e o DIRECTÓRIO da Convergência Nacionalista, o CNRM jamais terá percepção unânime da nossa luta, no plano global, e jamais conduzirá com acerto a nossa Luta.

Reconheço que ao longo dos últimos anos tem havido problemas, nesta matéria concreta, que é o da canalização nos dois sentidos, de informação entre as duas componentes do ex-CRRN: a ex-Presidência, no plano interno, e, a ex-DFSE, no plano externo. Muitos dos problemas tinham por base ressentimentos de uns em relação à FRETILIN do passado (leia-se: fuzilamentos, julgamento popular, caça às bruxas, etc.) ou, receio de outros de se envolverem activamente nesta FRENTE porque tinham, em 1974/75, advogado a Integração de Timor Leste na Indonésia, e receavam que alguma vez pudessem vir a ser rotulados disto ou daquilo. Todo este conjunto de situações originou o surgimento de diversos canais de acesso ao ex- CRRN, e mais grave ainda, a sua profunda infiltração por agentes da polícia secreta da Indonésia, como recentemente, em Maio de 1989, me foi confirmado pelo próprio companheiro Xanana Gusmão.

Quero, nesta ocasião, como líder da FRETILIN saudar todos os Nacionalistas que, não tendo sido ou que não sendo da FRETILIN, têm vindo a dar o melhor de si, neste domínio de actividades, da Frente Clandestina.

A esses companheiros, irmãos e quiçá mais velhos do que eu, rendo a minha sincera homenagem e respeito pelo exemplo de nacionalismo e patrio-

NA

tismo que revelam a ponto de não quererem reclamar nada para si, senão a tranquilidade de espírito e consciência de, hoje, poderem contribuir para a Libertação do nosso Povo e o fim do derramamento do sangue generoso dos valorosos FALINTIL ASSUAIN, nosso bravo Exército Nacional de Libertação. Bem hajam!

VIII - REESTRUTURAÇÃO DA FRETILIN A TER LUGAR EM CONFERÊNCIA NACIONAL, O MAIS CEDO POSSÍVEL EM TIMOR LESTE.

Camaradas

A FRETILIN está postada em 3 (três) Frentes de luta: a Frente Armada, a Frente Clandestina e a Frente Diplomática.

Não obstante a existência do CNRM, órgão de Direcção ou Comando da Luta, na fase actual, nem por isso deixam de ter importância os Órgãos Dirigentes da FRETILIN assim como da UDT. O esforço de todos reside na compenetração da necessidade de que só a vitalidade dos órgãos Partidários permitirá fazer repercutir no CNRM uma linha de actuação conjugada, sábia e eficaz que permita a breve trecho a implementação do Plano de Paz proposto pelo Comando das FALINTIL.

No que concerne à FRETILIN nunca alimentei quaisquer dúvidas sobre a sua Unidade Orgânica apesar de fìsicamente dispersa nas Três Frentes de Luta. Do mesmo modo, estou convicto de que o grosso dos membros da FRETILIN se encontra enquadrado nas Frentes Armada e Clandestina.

Torna-se imperioso, por isso, uma reestruturação da FRETILIN o mais cedo possível a começar pela realização de uma Conferência Nacional, em Timor Leste, que elegerá o Comitè Central da FRETILIN.

Nas condições actuais decorrentes do Reajustamento Estrutural da Resistência, considero que tanto na composição como na Orgânica,a Frente Clandestina deverá estar substancialmente representada em número e nos òrgãos deliberativos da FRETILIN: a Conferência Nacional, o CCF e o Comite Permanente do CCF.

Outrossim, o Presidente da FRETILIN deverá ser eleito pela Conferência Nacional, de entre os membros do CCF, no Exterior, para integrar o DIRECTÓRIO da Convergência Nacionalista, componente externa do CNRM.

Com base nestes pressupostos, proponho a eleição do Comite Central da FRETILIN:

1. Composição
   - a) Frente Armada: X membros
   - b) Frente Clandestina: Y membros
   - c) Frente Diplomática: 6 membros

A totalidade dos membros do CCF nas Frentes Clandestina e Armada terá de ter, no mínimo, 12 membros.

2. ORGÂNICA
   - a) Presidente da FRETILIN
   - b) Comité Permanente: Coordenador e secretariado
   - c) Secretariado do Comite Central

   - d) Delegação Externa

3. ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIAS
   - a) Compete ao Presidente da FRETILIN:
     - Representar a FRETILIN no Órgão da Direcção da Luta, o CNRM
     - Deliberar e tomar decisões sempre que fôr necessário para prevenir contra qualquer acção prejudicial aos interesses da luta e, para não obstaculizar o accionamento de qualquer processo com vista à libertação do Povo Maubere,e, informar sobre as decisões tomadas o CCF ou o òrgão substituto, o Comite Permanente
     - Reorganizar e dirigir todas as actividades da Delegação Externa e presidir às Reuniões de Reverificação das mesmas
     - Nomear e exonerar os Representantes Diplomáticos da FRETILIN

b) Compete ao Comite Permanente:

- assumir as funções do CCF quando este não se encontrar reunido, para o que deverá incluir no seu seio , um número equilibrado de membros da Frente Clandestina e Armada
- dirigir os trabalhos do Secretariado do CCF bem como criar departamentos consoante as necessidades da luta, nomeadamente, Logística, Finanças, Informação e Segurança, Agitação e Propaganda
- nomear os Secretários e Vice-Secretários do CCF para os departamentos criados
- enviar, regularmente, Relatórios de actividades e ponto de situação da luta ao Presidente da FRETILIN assim como ao Comando das FALINTIL
- apreciar e deliberar sobre medidas relacionadas com a condução da luta apresentadas pelo Presidente da FRETILIN

c) Compete à Delegação Externa

- Continuar a desenvolver as acções político -diplomáticas encetadas pela ex-Frente Externa (1975-1982) e pela ex-DFSE (1983-88)

  Assim proponho:

  - a eleição para membros do CCF, no Exterior, os seguintes camaradas: Abílio Araújo, Mari Alkatiri, Roque Rodrigues, Ramos Horta, Guilhermina Araújo e Jose Luís Guterres
  - a eleição do Presidente da FRETILIN de entre os membros do CCF enquadrados na Delegação Externa
  - a dissolução dos cargos de Vice-Presidente da FRETILIN e Comissário Político Nacional
  - a acumulação pelo Presidente da FRETILIN do cargo de Secretário das Relações Internacionais

Camaradas

Estas minhas propostas buscam antes de mais simplificar a estrutura e o funcionamento da FRETILIN para que esta continue a sua acção historicamente comprovada de serviço à causa do Povo Maubere, e, do seu papel insubstituível na fase histórica que atravessamos.

Outrossim, procurei com elas afirmar sempre que a Direcção da FRETILIN - o CCF , se encontra no nosso País, e da necessidade de subordinar toda a Organização ao CCF.

Quanto a mim, deve caber um papel mais substancial à Frente Clandestina na distribuição das tarefas de condução dos destinos da FRETILIN. Baseio esta minha posição, por um lado, na própria despartidarização da Luta Armada, e, por outro lado, na preparação da FRETILIN para a luta política - Eleições ou Referendum - no período do restabelecimento das liberdades, direitos e garantias dos cidadãos. De momento, confere-se à Frenta Clandestina maior grau de responsabilização no uso e adopção de métodos de organização e de trabalho da FRETILIN adequados às novas realidades.

Camaradas

Há sinais que prenunciam fortes tempestades nos próximos tempos. Há várias propostas de saída para o conflito.

A Delegação Externa não se irá furtar na contribuição a dar para a busca de uma solução que, respeitando os interesses de todas as partes envolvidas, salvaguarde os direitos fundamentais e mais sagrados do Povo Maubere.

A Indonésia, a ONU e o Governo Português têm a noção de que sem o acordo da Convergência e das Falintil, nenhum plano será exequível para Timor Leste.

Mas, como poderá esta Delegação que se encontra afastada do terreno e não experimentou as sinuosidades da estratégia do invasor, no plano interno, avaliar do impacto e consequências de um Plano, no qual se admita, por exemplo, o concurso da Convergência Nacionalista com os Partidos Indonésios (Golkar, PPP e PDI), aquando das "eleições gerais" na Indonésia sem se prever, nomeadamente, a constituição de Forças de Segurança internacionais para garantir a integridade física do nosso Povo no período anterior, durante e pós-eleições ? Aceitaremos que Portugal passe o seu estatuto de Potência Administrante "de jure", para a Indonésia como Potência Administrante "de facto", para que depois seja a Indonésia a organizar o referendum?

Portugal tem que assumir a descolonização de Timor; e para isso, devemos continuar a exigir firmeza nos princípios que preconizam os vários direitos do nosso Povo e que têm sido até hoje espezinhados contìnuamente pela Indonésia.

AOS JOVENS E ESTUDANTES DE TIMOR LESTE

Há vinte anos, tinha eu cerca de 20 anos, ousei desafiar os ideólogos do colonialismo português, na nossa Pátria, que desprezavam sistemàticamente os nossos valores, a nossa tradição, a nossa Cultura! Foi a célebre polémica do BARLAQUE em que intervieram, posteriormente, a meu lado os saudosos camaradas Nicolau Lobato e Borja da Costa.

Desde então para cá, navas gerações têm vindo a erguer a bandeira da luta pelos nossos direitos culturais e políticos.

No mar de sangue dos 200.000 (duzentos mil) mortos jazem milhares que se hoje estivessem vivos teriam as vossas idades.

Pesa sobre vós e nós, um grande manto de luto mais espesso que os nossos nevoeiros. Os espíritos dos nossos irmãos observam-nos dos píncaros do Ramelau e Matebian e dão-nos o sopro da coragem de que continuaremos a necessitar para prosseguirmos a nossa luta.

Aos que já se formaram e a todos os que ainda estão a prosseguir os estudos, apelo para que não abandoneis a nossa Pátria e busquem formas de luta que assegurem a continuidade da nossa Resistência.

Até ao nosso reencontro na nossa Pátria!
A LUTA CONTINUA !
VIVA A UNIDADE NACIONALISTA!
VIVA AS FALINTIL, O NOSSO BRAVO EXERCITO NACIONAL DE RESISTÊNCIA!
VIVA A CONVERGÊNCIA NACIONALISTA!
VIVA A FRETILIN!